

Enid Blyton

Os

CINCO

E A CIGANITA

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

1. De volta ao Casal Kirrin	11
2. Um encontro na praia	19
3. A cara na janela	27
4. O dia seguinte	35
5. João, a maltrapilha	43
6. O que aconteceu durante a noite?	53
7. A visita da polícia	61
8. Onde estará a Zé?	69
9. Uma mensagem extraordinária — e um plano	77
10. A noite fantástica do Sid	85
11. O David faz uma captura	93
12. A João começa a falar	101
13. À procura da Zé	109
14. A caravana do Simmy	117
15. A Ana não gosta de aventuras	125
16. Uma visita a meio da noite	133
17. No barco da Zé	141
18. Os acontecimentos precipitam-se	149
19. A João surpreende	157
20. A aventura está no auge	165
21. Meia dúzia de surpresas	173
22. A João é uma espertalhona	181
23. O Markhoff vai à caça	189
24. Uma grande surpresa	197
25. Tudo está bem quando acaba bem	205

1. DE VOLTA AO CASAL KIRPIN

A Maria José estava no apeadeiro para receber os três primos. Como sempre, tinha consigo o *Tim*, o seu cão, cuja cauda abanava desalmadamente. Sabia que tinham vindo buscar o Júlio, o David e a Ana, e não podia estar mais contente. Era tudo muito mais divertido quando os Cinco estavam todos juntos.

— Aí vem o comboio, *Tim!* — disse a Zé.

Ninguém a tratava por Maria José — até porque ela nem se daria ao trabalho de responder. Parecia mesmo um rapaz, com o cabelo curto encaracolado, calças de ganga e camisola sem gola. Tinha o rosto coberto de sardas, e as pernas e braços bronzeados emanavam saúde.

Ouviu-se o ruído distante de um comboio, seguido de um apito de aviso, quando este se aproximou da plataforma. O *Tim* ganiu, mas continuou a abanar a cauda. Não gostava lá muito de comboios, mas estava desejoso de que este chegasse. E o comboio foi-se aproximando cada vez mais, abrandando ao chegar ao pequeno apeadeiro de

Kirrin. Muito antes de parar na pequena plataforma, apareceram três cabeças numa das janelas, com três mãos a acenar freneticamente. A Zé retribuiu o aceno com um grande sorriso no rosto. A porta abriu-se de rompante, quase antes de o comboio se imobilizar. Dele saiu um rapaz alto, que ajudou uma rapariga mais pequena a descer. Seguiu-se outro rapaz, não tão alto como o primeiro, com uma mala em cada mão. Depois de arrastar um terceiro saco para a plataforma, a Zé e o *Tim* caíram imediatamente em cima deles.

— Júlio! David! Ana! O comboio atrasou-se, estava a ver que nunca mais chegavam!

— Olá, Zé! Finalmente, já cá estamos. Para baixo, *Tim*! Estás a ver se me comes?

— Olá, Zé! Oh, *Tim*, meu querido... Tu e as tuas lambidelas!

— ão-ão — respondeu o *Tim* alegremente, aos pulos, como se estivesse possuído, enfiando-se por entre as pernas de toda a gente.

— Não trouxeram nenhum baú, nem mais nada? — perguntou a Zé. — Só essas três malas?

— Bem, desta vez não vamos ficar cá muito tempo, é uma pena — explicou o David. — Só duas semanas! De qualquer maneira, é melhor do que nada.

— Não deviam ter ido passar aquelas seis semanas a França — retorquiu a Zé, com alguma inveja. — Devem ter vindo todos afrancesados.

O David riu-se, fez um gesto dramático com as mãos e desatou a falar num francês muito rápido, que, para a

Zé, não passava de uma algaraviada desgraçada. O francês não era um dos seus pontos fortes na escola.

— Cala-te lá! — disse, dando-lhe um empurrão amigável. — Continuas o mesmo idiota. Oh, estou tão contente por terem vindo. Sem vocês, Kirrin tem sido uma seca solitária.

Um empregado da estação aproximou-se com um carrinho, e o David virou-se para ele, a gesticular e a falar num francês fluente. Mas o empregado sabia muito bem quem ele era...

— Olha, olha — disse. — Deves estar a dizer umas coisas lindas em chinês! Querem que mande isto tudo para o Casal Kirrin?

— Sim, se fizer favor — pediu a Ana. — Para lá com isso, David. Deixa de ter piada, se insistes tanto!

— Oh, deixem-no lá fazer figura de parvo — comentou a Zé, dando o braço à Ana e ao David. — É tão bom ter-vos cá outra vez! A mãe está ansiosa por vos ver a todos.

— Aposto que o tio Alberto é que nem por isso... — alvitrou o Júlio, enquanto caminhavam pela pequena plataforma, com o *Tim* a saltitar à volta deles.

— O pai tem andado muito bem-disposto — disse a Zé. — Como sabem, estive na América com a mãe, a dar umas aulas e a assistir a palestras. A mãe diz que ficaram todos histéricos com ele, e que ele gostou.

O pai da Zé era um grande cientista, conhecido em todo o mundo. Mas em casa era de trato muito difícil — impaciente, com mau feitio, e sempre a esquecer-se de tudo. As

crianças gostavam dele, mas tinham-lhe muito respeito. Suspiravam de alívio quando ele se ausentava por uns dias, porque assim podiam fazer o barulho que lhes apetecesse, correr pelas escadas acima, dedicar-se às brincadeiras mais disparatadas e, de um modo geral, estar perfeitamente à vontade.

— O tio Alberto vai estar em casa durante todo o tempo que aqui vamos ficar? — perguntou a Ana, que tinha algum receio daquele tio irascível.

— Não — respondeu a Zé. — A mãe e o pai vão viajar para Espanha. Por isso, vamos ficar sozinhos.

— Fantástico! — exclamou o David. — Podemos andar o dia todo de fato de banho, se quisermos.

— E o *Tim* pode estar connosco durante as refeições, sem ser mandado embora de cada vez que se mexe — disse a Zé. — Esta semana, foi expulso de todas, por causa das moscas. O pai fica completamente possesso quando o *Tim* de repente apanha uma mosca.

— Que vergonha! — comentou a Ana, fazendo uma festa no pelo áspero do dorso do cão. — Quando estivermos sozinhos, podes caçar todas as moscas e mais algumas, *Tim*.

— ão-ão — fez o *Tim*, agradecido.

— Não vai haver tempo para aventuras nestas férias — queixou-se o David, pesaroso, enquanto caminhavam pelo carreiro que ia dar ao Casal Kirrin.

O caminho estava repleto de papoilas vermelhas ondulantes, e, ao longe, o mar brilhava, azul como um miosótis.

— Só duas semanas! E depois... lá vamos nós de volta para a escola. Só espero que o tempo se mantenha bom. Quero ir nadar seis vezes por dia!

Não tardaram a estar todos sentados à mesa, no Casal Kirrin, diante dos deliciosos *scones* e biscoitos da tia Clara, que estava muito feliz por voltar a ver os sobrinhos.

— Agora é que a Zé vai andar toda contente — disse, sorrindo para as quatro crianças esfomeadas. — Tem andado de um lado para o outro, com um humor de cão, nas últimas semanas. Queres mais um *scone*, David? Aproveita e tira logo dois de uma vez.

— Boa ideia — concordou o David, servindo-se. — Ninguém faz *scones* e bolos tão bem como a tia! Onde é que está o tio Alberto?

— No escritório — respondeu a tia. — Sabe bem que é hora do lanche, e ouviu a campainha, mas suponho que esteja embrenhado numa coisa qualquer. Vou ter de ir chamá-lo daqui a nada. Sinceramente, acho que ele passava o dia inteiro sem comer, se eu não o arrastasse para a sala de jantar!

— Aí vem ele — anunciou o Júlio, escutando o som familiar de passos impacientes no corredor.

A porta abriu-se de par em par. E lá estava o tio Alberto, com um jornal na mão, de sobrolho franzido. Pareceu nem dar pelas crianças.

— Olha só para isto, Clara — gritou. — Vê lá o que escreveram neste jornal... Exatamente o que lhes ordenei que NÃO publicassem! Que imbecis! Que idiotas! Que...

— Alberto! O que é que se passa? — perguntou a tia Clara. — Olha... já cá estão as crianças. Acabaram de chegar.

Mas o tio Alberto nem olhou para os sobrinhos. Continuava a fitar o jornal, furioso, apontando-lhe um dedo acusador.

— Agora vamos ser invadidos por repórteres, a querer saber tudo sobre as minhas novas ideias — disse, praticamente aos gritos. — Ouve só o que dizem: «O eminente cientista conduz todas as experiências e desenvolve as suas ideias a partir de casa, o Casal Kirrin. É lá que guarda a coleção de cadernos, à qual acaba de acrescentar mais dois, com os resultados da viagem à América. E é também na pequena casa de campo que se encontram os seus incríveis diagramas», e por aí em diante. Só te digo isto, Clara: vão aparecer aí carradas de jornalistas.

— Não vão nada. Está descansado, querido — retorqui a tia Clara. — Além do mais, estamos de partida para Espanha. Por favor, senta-te e bebe o teu chá. E olha... não podes dar as boas-vindas ao Júlio, ao David e à Ana?

O tio Alberto resmungou e sentou-se à mesa.

— Não sabia que eles vinham hoje — confessou, servindo-se de um *scone*. — Podias ter-me dito, Clara.

— Disse-te três vezes ontem, e duas já hoje.

De súbito, a Ana apertou o braço do tio, que estava sentado mesmo ao seu lado.

— Continua o mesmo, tio Alberto! — disse. — Nunca, mas mesmo nunca, se lembra de que nós estamos para chegar! Quer que nos vamos embora?

O tio olhou para ela e sorriu. Os ataques de mau génio nunca duravam muito. Sorriu também para o Júlio e o David.

— Pois bem, cá estão vocês de novo! — disse. — Acham que conseguem tomar conta de tudo enquanto eu estou fora com a vossa tia?

— Mas claro! — disseram os três ao mesmo tempo.

— Não vamos deixar que ninguém se aproxime — garantiu o Júlio. — Com a ajuda do *Tim*. Vou afixar um aviso lá fora a dizer «cuidado, cão muito feroz».

— ão-ão — comentou o *Tim*, encantado.

O cão bateu com a cauda no chão. Uma mosca passou-lhe mesmo à frente do nariz e ele devorou-a num abrir e fechar de olhos. O tio Alberto fez uma careta.

— Quer mais um *scone*, pai? — perguntou rapidamente a Zé. — Quando é que vão para Espanha?

— Amanhã — respondeu a mãe, de forma categórica. — E escusas de olhar para mim assim, Alberto. Sabes perfeitamente que está tudo combinado há semanas. E tu precisas de umas férias; se não formos amanhã, todas as nossas marcações vão por água abaixo.

— Pois bem, mas podias ter-me avisado de que era já amanhã — queixou-se o marido, com uma expressão indignada. — Quer dizer... tenho de verificar e guardar todos os meus cadernos, e...

— Alberto, fartei-me de te dizer que partíamos a 3 de setembro — interrompeu a tia Clara, ainda mais categórica. — Eu também quero umas férias. Os quatro miúdos

ficam bem aqui com o *Tim*... Eles adoram ficar sozinhos. O Júlio já é quase um homem, e pode resolver qualquer problema que surja.

O *Tim* tentou caçar duas vezes a mesma mosca, e o tio Alberto deu um salto na cadeira.

— Se esse cão volta a fazer isso... — começou, mas a tia Clara interrompeu-o de imediato.

— Estás a ver? Estás uma pilha de nervos, Alberto, meu querido. Vai fazer-te bem sair daqui por uns dias, e as crianças podem passar duas semanas maravilhosas sozinhas. Não pode acontecer nada, por isso prepara-te para partir amanhã, de cabeça descansada!

Não pode acontecer nada? A tia Clara estava enganada, como é óbvio. Tudo podia acontecer, quando os Cinco ficavam sozinhos!